



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	A vítima animal: a proteção animal urbana enquanto política de piedade
Autor	VIVIANE HIPPMANN GAUER
Orientador	BERNARDO LEWGOY

“A vítima animal: a proteção animal urbana enquanto política de piedade”

Autor: Viviane Hippmann Gauer

Orientador: Bernardo Lewgoy

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Inserida no âmbito da Antrozologia, a presente pesquisa vincula-se ao projeto “Caminhos do Altruísmo Interespecífico: uma investigação antropológica sobre proteção animal em Porto Alegre/RS”, tendo por objetivo a compreensão antropológica da redoma da proteção animal urbana circunscrita a grupos dedicados à proteção de animais domésticos de companhia em Porto Alegre. O enfoque, portanto, situa-se nas práticas concretas e valores de simpatizantes e ativistas dos referidos grupos de proteção animal urbana.

Os autointitulados protetores (ou protetoras, visto a maioria absoluta de mulheres) são ativistas da causa animal que se dedicam ao cuidado de animais de companhia por eles chamados de *abandonados*, a partir de práticas como o resgate, a esterilização e a procura pela *adoção responsável*. A partir da crescente importância que os animais de companhia vêm tomando nas vidas de seus *tutores* - sendo atualmente acolhidos enquanto parte de uma família multiespécies - os protetores de animais tornam-se atores cruciais no cenário urbano contemporâneo. Os protetores atualmente configuram-se, junto aos médicos veterinários (PASTORI, 2012), entre os principais responsáveis pelo zelo e bem-estar de nossos “filhos de outra espécie”.

A metodologia empregada é qualitativa, utilizando predominantemente a etnografia, complementada por entrevistas centradas não diretivas. Realizou-se, e continua em andamento, a etnografia a partir da participação junto às protetoras de uma série de atividades que compreendem o cotidiano da proteção animal. Entre tais atividades, destacaram-se enquanto espaços de etnografia a realização de eventos beneficentes para a causa animal; as “feirinhas de cachorros”, momentos em que se procuram adotantes a partir da exposição dos filhotes; a visita a animais abrigados em sítios ou lares temporários; e a participação de espaços de articulação entre o movimento da proteção animal e a política institucional.

A etnografia, frequentemente caracterizada enquanto método por excelência da Antropologia, baseia-se no contato direto e prolongado entre pesquisador e interlocutor, bem como na vivência por parte do pesquisador da realidade do cotidiano do interlocutor ou, ao menos, de uma parte desta (FOOTE-WHITE, 1980). Tais vivências concedem ao pesquisador a oportunidade única de adentrar a lógica do grupo pesquisado, experiência sem a qual muitas vezes torna-se impossível o alcance de certos dados que são restritos aos “iniciados” na lógica grupal (FAVRET-SAADA, 1977). A partir da etnografia realizada, pudemos compreender com maior profundidade o movimento da proteção animal.

Quanto aos resultados, pudemos concluir que o valor supremo da proteção animal certamente é o *amor aos animais*. O animal nesse cenário é identificado como um ser *a priori* inocente e que circunstancialmente torna-se vítima do ser humano, que expõe então sua face maligna. Desta forma, este movimento caracteriza-se como uma política de piedade (BOLTANSKI, 2004), conceito que descreve as políticas estruturadas a partir da identificação de uma vítima. Local de certa forma sacralizado por seu escape à construção de relações baseadas no dinheiro e, portanto, construídas a partir da premissa da impessoalidade (SIMMEL, 1896), a proteção animal apresentou-se a nós enquanto uma possibilidade de repensar o voluntariado e as Organizações Não Governamentais como configurações contemporâneas do conceito de missão desenvolvido por Weber em “A Ética do Capitalismo”.